

CUPIDO E PSIQUÊ: CURIOSITAS, SOFRIMENTO E REDENÇÃO NAS METAMORFOSES DE APULEIO

Rayana da Costa Teles BARRETO

Orientadora: Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso

RESUMO: A história de “Cupido e Psiquê” por muitos é considerada mera digressão na obra de que faz parte, as *Metamorfoses* (*Metamorphoseon*) de Apuleio (125-170? d.C.). Contudo, nossa hipótese é de que tal relato pode remeter à própria experiência de Lúcio, narrador e protagonista das *Metamorfoses*. Essa remissão se daria por meio de aspectos narratológicos complexos, marcando a relação do episódio com o enredo da obra em sua totalidade. Para investigar tal hipótese, na esteira de Conte (1994) e de Teixeira (2000), destacamos como central à narrativa uma característica de Lúcio e Psiquê: sua curiosidade (*curiositas*). A análise de breve amostra de excertos das *Metamorfoses* permite constatar que a curiosidade levará cada um dos personagens não somente às desventuras que são submetidos, mas também, paradoxalmente, à expiação de ambos. Isso indica que a narrativa de Cupido e Psiquê pode, pois, ser considerada uma chave de leitura para uma interpretação aprofundada das *Metamorfoses*.

Palavras-chave: Estudos Clássicos, Cupido e Psiquê, *Metamorfoses* ou *O Asno de Ouro*, Apuleio.

1. INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa, em fase ainda incipiente, trata da história de “Cupido e Psiquê” (*Met.* 4.28 – 6.24), que corresponde ao mais longo e mais célebre episódio presente nas *Metamorfoses* (*Metamorphoseon*) de Apuleio (Apuleius, 125-170? d.C.), obra que já na Antiguidade tardia era também conhecida pelo título *O Asno de Ouro* (*Asinus Aureus*)¹.

Por vezes, a história em apreço já foi apontada como deslocada dentro desse romance², composto por onze livros e cujo enredo é narrado pelo jovem Lúcio, um sujeito que se mostra, sobretudo, curioso. Em seu panorama da história da literatura latina, Conte (1994, p. 563) chega a apontar tal característica do personagem como estrutura fundamental para o desenvolvimento dos fatos narrados, isto é o elemento propulsor da transformação de Lúcio. A transformação há de corresponder a uma longa e árdua jornada a que o personagem é submetido, mas que culminará num final feliz.

1.Cf. Santo Agostinho (De Ciuitate Dei 18.18); Conte (1994, p. 559); Kenney (1990, p. 2); Sandy (1997, p.233); Harrison (1999, p. xxvi); Slater (2005, p.215).

2.Tanto as *Metamorfoses*, quanto o *Satyricon* de Petrônio (século I d. C.) correspondem aos únicos “romances” remanescentes da Antiguidade escritos em latim, sendo a obra de Apuleio a única que foi preservada na íntegra, cf. Conte (1994, p. 559).

Na mesma linha, Teixeira (2000) desenvolve mais a ideia de que a curiosidade é característica que ecoa na história das personagens Cupido e Psiquê, contribuindo para uma percepção mais integrada da obra³. Neste artigo⁴, a fim de apreciar mais de perto de que modo tal se confirma no texto das *Metamorfoses* de Apuleio, observaremos, numa breve amostra de excertos, o quanto e como o termo curiositas e seus correlatos são recorrentes na obra em estudo, e com que efeitos de sentido.

De fato, o *Index Apuleianus* (Oldfather; Canter; Perry 1934, p. 97) nos informa que o substantivo abstrato *curiositas*, até então raro em latim⁵, se registra 11 vezes na obra em apreço⁶; já o adjetivo *curiosus*, 16 vezes⁷; o diminutivo *curiosulus*, uma vez⁸; e o advérbio *curiose*, 11 vezes⁹ (e na forma comparativa, uma vez¹⁰).

Dada sua importância e presença, primeiramente nos atemos ao significado dos vocábulos. Observamos que o *Oxford Latin Dictionary* registra o substantivo *curiositas* como: “anseio desmedido por conhecimento”, a “curiosidade”. Ali também podemos ver que o adjetivo *curiosus* (do qual o substantivo abstrato deriva) detém as seguintes acepções: “1. cauteloso, atento, esmerado; 2. complicado, exigente, exagerado com os cuidados; 3. ansioso por conhecimento, intrometido; 4. agitado, aflito.” Podemos inferir, portanto, que há nessas palavras conotações positivas, designando virtudes; mas também outras de caráter menos favorável, marcado pelo excesso. Nossa hipótese é de que tal polaridade, cujos limites são obscuros, efetivamente percorre toda a narrativa das *Metamorfoses*.

A *curiositas* pode ser observada como uma das características de personagens que participam de diversos episódios mais curtos que compõem a mesma obra de Apuleio (como nos episódios de Aristômenes e Sócrates [Met. 1.5-19]). Neste estudo, contudo, vamos nos concentrar nas principais passagens do texto latino em que tanto Lúcio quanto

3. “O primeiro paralelo entre Lúcio e Psique reside nos princípios que lhes ditam a queda: a curiositas e a prática das seruíles uoluptates. A curiositas levou-os a uma acção que os projectou para um mundo desconhecido e perigoso; no caso de Lúcio, o mundo irracional; no de Psique, um mundo governado pela ira de uma divindade.” (Teixeira, 2000, p. 72-73).

4. Uma versão prévia deste texto foi apresentada no Seminário de Pesquisas em Graduação do IEL (SePeG) de 2017. Agradecemos aos debatedores Laís Scodeler e Michel Mendes pela discussão naquele evento, e à Profa. Dra. Talita Janine Juliani (Universidade Federal de Lavras) pela leitura do texto.

5. “Curiositas is found once only in earlier Latin, at Cic. Att. 2.12.2; A. may have reinvented the word”, afirma KENNEY (1990, p. 147), que neste ponto segue Labhardt (1960, 209-10).

6. *Met.* 1, 12, 21; 3, 14, 1; 11, 15, 6; 11, 23, 22; 9, 15, 8; 5, 6, 16; 5, 19, 9; 6, 20, 15; 6, 21, 13; 9, 12, 7; 9, 13, 14.

7. *Met.* 1, 2, 19; 1, 17, 7; 2, 6, 1; 7, 13, 12; 9, 30, 5; 9, 42, 5; 5, 23, 2; 5, 28, 16; 2, 4, 27; 1, 18, 2; 11, 22, 30; 11, 23, 19; 4, 16, 13; 10, 29, 18; 2, 29, 2; 5, 1, 10.

8. *Met.* 10, 31, 6.

9. *Met.* 2, 1, 8; 5, 1, 10; 5, 8, 7; 5, 31, 19; 6, 1, 14; 6, 21, 11; 7, 1, 23; 8, 17, 5; 9, 1, 13; 9, 20, 12; 10, 12, 5.

10. *Met.* 6, 19, 24

Psiquê são caracterizados como curiosos, para detectar, brevemente que aspectos do romance eles evidenciam.

2. A CURIOSITAS DE LÚCIO

Nos primeiros três livros da obra de Apuleio, Lúcio sustentará forte interesse pelas artes mágicas (*artes magicae*), o que culminará na sua metamorfose em asno¹¹. Esse interesse é caracterizado como curiosidade na fala do próprio Lúcio, que, por sua vez, o destaca logo no primeiro livro, quando nos deparamos com o jovem narrador descansando de longa e árida viagem (*Met.* 1.2). Ele estava a caminho da Tessália, uma região conhecida por ser palco de acontecimentos misteriosos e mágicos. O rapaz, enquanto recompõe o fôlego, encontra dois sujeitos, igualmente viajantes, que travam uma conversa misteriosa. Primeiro, Lúcio se esforça para ouvir a conversa alheia, e depois a interrompe sem rodeios, como observamos no trecho a seguir.

Ac dum ausculto quid sermonis agitent, alter exerto cachinno: "Parce" inquit "in uerba ista haec tam absurda tamque immania mentiendo." Isto accepto **sititor alioquin nouitatis**: "Immo uero" inquam "impertite sermone **non quidem curiosum sed qui uelim scire uel cuncta uel certe plurima**; simul iugi quod insurgimus aspritudinem **fabularum lepida iucunditas** leuigabit." (*Met.* 1.2, grifos nossos)¹²

E enquanto aguço os ouvidos para captar sobre qual assunto deliberavam, um deles, escancarando-se de tanto rir, diz: "Ora, poupe-me de mentir com essas palavras tão absurdas e tão hediondas". Ao ouvir isso, **fico sedento por novidades**, e digo: "Ao contrário, compartilhem a conversa! **Não que eu seja, deveras, um curioso, mas gosto de ficar a par de todas as coisas ou, certamente, da maioria delas**. Ao mesmo tempo, o **leve encanto das histórias** aliviará a aspereza da montanha que subimos".

Em passagem posterior, narra-se atentamente o episódio do viajante Aristômenes, que relata seu envolvimento com uma feiticeira ocorrido na cidade da Tessália (*Met.* 1.5-19). Após ouvi-lo, Lúcio passou a cultivar mais ainda seu profundo interesse pela magia:

Vt primum nocte discussa sol nouus diem fecit, et somno simul emersus et lectulo, anxius alioquin et nimis cupidus cognoscendi quae rara miraque sunt, reputansque me media Thessaliae loca tenere qua artis magicae natiua cantamina totius orbis consono orbe celebrentur, fabulamque illam optimi comitis Aristomenis de situ ciuitatis huius exortam, suspensus alioquin et uoto simul et studio, **curiose singula considerabam**. (*Met.* 2.1, grifos nossos)

11. Sobre a magia no romance em estudo, cf. e.g. Norwood (1956); Sandy (1974); Leinweber (1994); Teixeira (2000); Frangoulidis (2008).

12. Salvo outra indicação, a citação das passagens latinas segue a edição de D. S. Robertson (1989), publicada pela editora Les Belles Lettres, e as traduções são de nossa autoria.

Logo que, dissipada a noite, um novo sol trouxe o dia e, ao mesmo tempo, tendo eu emergido do sono e do leito, eu estava, mais que nada, ansioso e desejando ardentemente conhecer o que há de raro e maravilhoso. Assim, refletindo que me encontrava no centro da Tessália, um lugar celebrado consensualmente pelo mundo como terra natal dos encantamentos da arte mágica, e lembrando-me da história que aquele meu ótimo companheiro, Aristômenes, me contara que tivera origem na região desta cidade, e ainda num suspense entre desejo e expectativa, **eu ficava considerando com curiosidade cada coisa.**

Na passagem a seguir, Lúcio descobre por intermédio de uma mulher chamada Birrena, que poderia estar hospedado na casa de uma feiticeira. Isso porque Pânfila, a esposa do anfitrião, era uma praticante das artes mágicas (*Met.* 2.5). Birrena o adverte sobre o perigo no qual se encontrava estando instalado em tal residência, porém ele não segue as advertências. Sua motivação é destacada no trecho a seguir:

At ego curiosus alioquin, ut primum artis magicæ semper optatum nomen audiui, tantum a cautela Pamphiles afui ut etiam ultro gestirem tali magisterio me uolens ampla cum mercede tradere et prorsus in ipsum barathrum saltu concito præcipitare. (*Met.* 2.6, grifos nossos)

Mas eu, ainda mais curioso, logo que ouvi a sempre desejada expressão ‘arte mágica’, simplesmente deixei de me preocupar com Pânfila, ao ponto de, desejando entregar-me a tal ensinamento a qualquer preço e me lançar inteiramente, num único salto, em direção ao próprio abismo.

Um outro excerto que revela a curiosidade de Lúcio é aquele em que a personagem Fótis, escrava de Pânfila, afirma ser a culpada por um episódio infeliz e vergonhoso pelo qual Lúcio passara diante do povo da Tessália (*Met.* 3.2-10). Trata-se da ocasião em que haviam forjado um julgamento contra ele, alegando a ocorrência de um assassinato pelo qual ele era acusado. A reação de Lúcio também fora motivada por seu caráter curioso:

Tunc ego **familiaris curiositatis admonitus** factique causam delitiscem nudari gestiens suscipio (...). (*Met.* 3. 14, grifos nossos)

Então, eu, **instigado por minha costumeira curiosidade** e ansioso por descobrir a causa oculta do episódio, respondo (...).

Tais excertos evidenciam a curiosidade como característica intrínseca ao personagem narrador do romance. Voltemo-nos, agora, ao episódio central a nosso estudo.

3. A CURIOSITAS DE PSIQUÊ

A história do deus Cupido (*Cupido* ou *Amor* em latim, *Eros* em grego) e da mortal Psiquê (*Psyche*) é relatada por uma anciã com o intuito de acalantar uma jovem prisioneira chamada Cárite (“graça”, em grego). O narrador Lúcio, nessa ocasião já vestido em sua

pele de asno, ali se encontrava, igualmente cativo. Ele, portanto, escutará o que o próprio texto de Apuleio designará como sendo uma *narratio* ou *fabula*, tal qual contada por uma velha senhora (*Met.* 6.25).

Segundo a velha, Psiquê era a filha mais jovem de um rei, cuja beleza, tão extraordinária, era cultuada pelos povos, a ponto de ser adorada como a própria Vênus. A situação despertará a inveja da deusa, que convocará seu filho Cupido, o deus do Amor, para vingá-la. Ele, no entanto, não cumprirá o pedido da mãe: ao contrário, enamora-se por Psiquê. Trata-se de uma relação complexa e misteriosa, visto que a verdadeira face do amante só é revelada no momento em que Psiquê resolve descobrir a identidade dele.

Observemos, contudo, o que motiva a atuação da moça:

sed identidem monuit ac saepe terruit ne quando sororum pernicioso consilio suasa de forma mariti quaerat neue se **sacrilega curiositate** de tanto fortunarum suggestu pessum deiciat nec suum postea contingat amplexum. (*Met.* 5.6, grifos nossos)

mas ele tanto a advertiu quanto frequentemente a aterrizou, mesmo quando suas irmãs tentassem persuadi-la com algum conselho funesto, proibindo-a de tentar desvendar a aparência do marido. Isso para evitar que, do alto de tão sublime felicidade, ela se lançasse à decadência, em consequência de sua **sacrilega curiosidade**, e depois não mais poderia sentir seus abraços.

Para a presente exposição, é relevante destacar que também a jovem Psiquê era curiosa. A passagem acima trata do momento em que Cupido permite à Psiquê encontrar-se com as irmãs, apontando, pela primeira vez na obra, a curiosidade da jovem. É notória a semelhança desta passagem com um dos trechos citados acima (*Met.*2.6), que descrevera a curiosidade de Lúcio como também geradora de decadência social e perda afetiva: ambos os excertos aludem a ideia de queda, decadência (*prorsus in ipsum barathrum saltu concito praecipitare* [*Met.* 2.6]; *pessum deiciat* [*Met.* 5.6]) como consequência do excesso gerado pela curiosidade.

Uma das passagens mais marcantes da narrativa de Psiquê corresponde, ao nosso ver, ao momento em que a jovem, influenciada pelos conselhos de suas irmãs (*Met.*5.17-20) e incutida por sua curiosidade, acaba por infringir a regra imposta pelo amante. Psiquê não poderia contemplar a imagem de Cupido e o preço a pagar por sua transgressão era jamais poder revê-lo:

Quae dum insatiabili animo Psyche, **satis et curiosa**, rimatur atque pertrectat et mariti sui miratur arma, depromit unam de pharetra sagittam et punctu pollicis extremam aciem periclitabunda tremantis etiam nunc articuli nisu fortiore pupugit altius, ut per summam cutem roraverint parvulae sanguinis rosei guttae. Sic ignara Psyche sponte in Amoris incidit amorem. (*Met.* 5.23, grifos nossos)

No momento em que Psiquê, de espírito insaciável e **bastante curiosa**, examina, manuseia e admira as armas de seu marido, ela extrai de sua aljava uma flecha, e experimenta, ao espetar o polegar, a extrema ponta afiada. Ainda agora, ao pressionar um pouco mais forte o dedo, que

tremia, picou-o profundamente, ao ponto de escorrerem pela superfície de sua pele gotículas de róseo sangue. Foi assim que a ingénua Psiquê, por sua própria iniciativa, caiu de amor pelo Amor.

Psiquê, após a partida de Cupido, percorre longo caminho procurando reencontrá-lo. Quando é incumbida de buscar um pouco de formosura dentro de uma caixinha no reino dos mortos (*Met.* 6.16), Psiquê sobe em uma torre e opta pelo suicídio: afinal, essa seria boa maneira de alcançar tal mundo. Nesse momento, no entanto, é interpelada sobre tal atitude: a torre aconselha a jovem sobre como chegar ao reino dos mortos (*Met.* 6.17-19) e profere sua última advertência, pedindo que evitasse ser curiosa demais (*curiosus*) e que não abrisse a caixinha que carregava:

Sed inter omnia hoc obseruandum praecipue tibi censeo, ne uelis aperire uel inspicere illam quam ferēs pyxidem uel omnino diuinae formonsitatis abditum curiosius temptare thesaurum. (*Met.* 6.19, grifos nossos)

Mas, dentre todas as instruções, penso que é esta a que deve ser especialmente observada por você: não tente abrir ou examinar a caixinha que você carregar, nem, de modo algum, toque, **por excesso de curiosidade**, no tesouro oculto de divina beleza.

Contudo, Psiquê, perto de retornar do reino dos mortos, não cumpre a última recomendação dada pela torre. Ela se deixa levar, mais uma vez, por sua curiosidade: *mentem capitur temeraria curiositate* (*Met.* 6.20). A jovem, portanto, abre o recipiente que deveria levar lacrado à Vênus. O que havia nesta caixinha, no entanto, era um “sono infernal” (*infernus somnus*, *Met.* 6.21). Psiquê imediatamente cai num sono profundo, não cumprindo, portanto, sua tarefa.

A última passagem em que se apresenta a curiosidade de Psiquê é também uma das mais importantes do episódio, visto que se trata do momento apoteótico da jovem. Corresponde ao reencontro do casal, configurado no célebre beijo de Cupido e Psiquê, que ganhou, ao longo da história, diversas releituras no campo das artes¹³. Tal encontro ocorre quando Cupido procura Psiquê no mundo dos mortos. Nessa ocasião, ele proferirá as seguintes palavras, com as quais ele reafirma a curiosidade da jovem:

Et "Ecce" inquit "rursum perieras, misella, **simili curiositate**. Sed interim quidem tu prouinciam quae tibi matris meae praecepto mandata est exsequere nauiter, cetera egomet uidero." (*Met.* 6.21, grifos nossos)

E “veja só”, diz ele, “você mais uma vez sucumbiria, pobrezinha, **por semelhante curiosidade**. Mas, agora, execute completamente a missão que lhe foi instruída conforme o preceito de minha mãe. Eu, pessoalmente, darei conta do resto”.

13.Cf. sobre a recepção da história de Cupido e Psiquê no campo das artes, Cavicchioli (2002); Andrade (1999).

4. CONCLUSÃO: CURIOSITAS, SOFRIMENTO E O JOGO DE ESPELHOS

Mesmo que em algum momento fique a sensação de que o episódio de Cupido e Psiquê pareça deslocado do enredo de *Metamorfoses*, como já apontava Conte (1994, p.565-66), nessa breve amostra, é perceptível que tais excertos, que tratam da curiositas de Psiquê e de Lúcio, efetivamente congregam elementos que aproximam os dois personagens e as duas narrativas. A reiteração de tal característica se dá, como notamos, por meio do léxico, mas também por semelhantes imagens (como a da queda ou precipício), e para ambos os personagens realmente serve de motivação para suas ações, i.e. para o andamento da narrativa.

Em suma, tal como para Lúcio, a curiosidade da jovem resulta numa mudança drástica em sua vida: Psiquê foi, imediatamente, separada do marido, remetida a um estado de sofrimento, em que permanece sozinha, errante, até sua expiação. Tal analogia nos indica que a diegese sobre Psiquê pode efetivamente remeter à própria experiência do narrador Lúcio. Alguns contrastes entre o tipo de *curiositas* que caracterizaria cada um dos personagens já foram propostos¹⁴. No entanto, isso se dá por meio de aspectos narratológicos complexos, que pretendemos avaliar com mais vagar no decorrer do projeto. Dentre eles, destacaremos a construção do discurso dos personagens e a tematização da ficcionalidade da narrativa.

De toda forma, na breve amostra analisada já pudemos observar que a polissemia do termo *curiositas* é explorada, evidenciando-se em suas consequências: não apenas o estado de penúria a que Lúcio e Psiquê são submetidos, como também o que aqui chamamos, provisoriamente e *lato sensu*, de “catarse”¹⁵, i.e. da expurgação de ambos. Esta virá, para cada um, apenas depois de longa aventura repleta de prejuízos e monstrosidades presenciados em sua jornada.

Tais aspectos sinalizam um jogo de espelhamentos, indício de que a narrativa de Cupido e Psiquê pode efetivamente ser considerada uma importante chave de leitura para uma interpretação mais aprofundada das *Metamorfoses* em sua totalidade. Nesse sentido,

14. Conte considera a motivação da moça: “Psyche’s curiositas is neutralized by that childish simplicitas of hers that typifies her and protects her from negative connotations. Thus, her extreme act of curiositas is motivated by her silly desire to please her husband (see 6.20)” (Conte, 1994, p.565). Já Teixeira (2000, p.72-73), apresenta-a de outro modo: “No entanto, relativamente à curiositas, o que em Lúcio é excessivo, em Psique parece justificável, dado que os contextos dos quais decorre são substancialmente diferentes. Psique desconhece totalmente a identidade do marido. Recebe dele avisos que a impediam, não só de o ver, mas inclusive de falar desse desconhecimento, sob pena de ruína, quer do enlace, quer do estatuto divino do filho que Psique ia gerar. Estavam assim reunidas as condições para que a curiositas despertasse e se insurgisse contra as advertências.” (Teixeira, 2000, p. 72-73).

15. Isto é, aqui consideramos a catarse como “um elemento ou dimensão intrínseco da própria experiência emocional em sua totalidade”, deixando de ser somente um resultado produzido apenas pela tragédia. Para discussão sobre seu emprego na Poética de Aristóteles, cf. Halliwell, 1987, p.90.

tendemos a concordar com Conte (1994, p.565-66), mesmo sem ainda adentrarmos no mérito de uma interpretação místico-redentora da obra, por ele proposta.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. M. de (1999). O mito de Psiquê em 1800: um catálogo iconográfico. Mestrado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CAVICCHIOLI, S. (2002). *The Tale of Cupid and Psyche: an illustrated History*, George Braziller, NY.
- CONTE, G. B. (1994). “Apuleius”. *Latin Literature: a History*, Johns Hopkins University Press, Baltimore; London, p. 553-570.
- DOMBART, B.; KALB, A.; DIVJAK, J. (ed.); AGOSTINHO (1993). *De civitate dei*. Stutgardiae: Teubner, v.2.
- ERNOUT, A.; THOMAS, A. (1986) *Syntaxe latine*. Klincksieck, Paris.
- FRANGOULIDIS, S. A. (2008). *Witches, Isis and Narrative: Approaches to Magic in Apuleius' Metamorphoses*, Walter de Gruyter, Berlin; New York.
- HALLIWELL, S. (trad.); ARISTÓTELES (1987). *The Poetics of Aristotle: translation and commentary*. University of North Carolina Press, Chapel Hill.
- HARRISON, S. J. (ed.) (1999). *Oxford Readings in the Roman Novel*. Oxford University Press, Oxford; New York.
- KENNEY, E. J. (ed.); APULEIUS (1990). *Cupid and Psyche*, Cambridge University Press, New York.
- LABHARDT, A. (1960). “Curiositas. Notes sur l'histoire d'un mot et d'une notion”. *Museum Helveticum*, vol. 17, n. 4, p. 206-224.
- LEINWEBER, D. W. (1994). “Witchcraft and Lamiae in ‘The Golden Ass’”. *Folklore*, vol. 105, p. 77-82.
- NORWOOD, F. (1956). “The Magic Pilgrimage of Apuleius”. *Phoenix*, vol. 10, n. 1, p.1-12.
- OLDFATHER, W. A.; CANTER, Howard Vernon; PERRY, Ben Edwin (1934). *Index Apuleianus*, The American Philological Association, Middletown/Connecticut. ROBERTSON, D. S. (ed.); VALLETE, Paul (trad.); APULÉE (1989). *Les Métamorphoses*, Les Belles Lettres, Paris, vol. 1-3.
- SANDY, G. (1974). “Serviles Voluptates in Apuleius' Metamorphoses”. *Phoenix*, vol.28, n. 2, p. 234-244.
- SANDY, G. (1997). *The Greek World of Apuleius: Apuleius and the Second Sophistic*, Brill, Leiden/New York.
- SLATER, N. W. (2005). “The Horizons of Reading”, in KAHANE, A.; LAIRD, A. (eds.); *A companion to the prologue of Apuleius' Metamorphoses*, Oxford University Press, Oxford; New York, p.215.
- TEIXEIRA, C. (2000). *A conquista da alegria: estratégia apologética no romance de Apuleio*, Ed. Edições 70, Lisboa.